



UMA ANÁLISE SOBRE O PAPEL DAS TDICS ARTICULADAS À BNCC EM LIVRO DIDÁTICO DE INGLÊS: POSSIBILIDADES DE INCLUSÃO DIGITAL NO ENSINO DE LÍNGUAS

Maria Valéria Siqueira Marques¹

RESUMO

Este trabalho de pesquisa tem como objetivo principal analisar quais as perspectivas de inclusão digital alinhadas à Base Comum Curricular (BNCC) são encontradas em livros didáticos de inglês que solicitem dos alunos atividades pedagógicas e técnicas nas quais eles utilizem-se das novas tecnologias digitais de comunicação para aprender novos conhecimentos, aprimorar o idioma e interagir com colegas de classe e professor. O referencial teórico-metodológico apresentará discussões sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que contempla o uso crítico e responsável das tecnologias digitais, (CAVALCANTE, 2017), à inserção das TDICS na prática docente, (ROJO & MOURA, 2012); (ROJO, 2013), sobre os multiletramentos e as TICS na contemporaneidade; (ARAÚJO & LEFFA, 2016), os cenários digitais na web, (BRONCKART, 2009), defende a corrente do Interacionismo Sócio Discursivo (ISD), pois as condutas humanas são resultados de um processo histórico, social e semiótico, (BAKHTIN, 2002; 2006), defende a interação por meio dos textos e das expressões semióticas, dentre outros autores. A metodologia desta pesquisa é de base qualitativa constituída da análise de atividades que solicitem pesquisa por meio das novas tecnologias digitais do livro didático “*Way to English for Brazilian learners*” alinhadas à BNCC. Sobre os resultados a coleção apresentam textos que circulam socialmente requisitando dos alunos em suas atividades que analisem e consultem as informações em sites *online*. Verificamos que a mesma propõe o uso da *internet* para a criação de alguns textos quanto para a divulgação de sua produção, e notamos certa preocupação do autor em inserir os discentes no mundo tecnológico.

Palavras-chave: Inclusão Digital, Inglês, Livro Didático, BNCC, TDICS.

Introdução

De acordo com, (Brasil, 2017), a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, que é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e das modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). O documento é orientado pelos princípios éticos, estéticos que visam a formação humana integral e a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva e, além disso, é fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica. Desta feita, o objetivo geral desta pesquisa é investigar quais as perspectivas de inclusão digital alinhadas à

¹Mestre pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG (2011), valeriasiqueira.house@hotmail.com;



BNCC encontradas em livros didáticos de inglês que solicitem dos alunos atividades pedagógicas e técnicas nas quais eles utilizem-se das novas tecnologias digitais de comunicação para aprender novos conhecimentos, aprimorar o idioma e interagir com colegas de classe e com o professor. A BNCC apresenta dez competências gerais da Educação Básica dentre elas podemos destacar, a inclusão digital:

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e **digital** para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva [...].
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e **digital** –, bem como, conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar **tecnologias digitais** de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva [...]. (Base Nacional Comum Curricular, 2017, p. 9 grifo meu).

Com base nessas competências, acima, é difícil pensar o ensino eficaz sem incluir as novas tecnologias da Informação e da Comunicação (TDICS), pois os alunos estão cercados do meio digital através de celulares, *chats*, redes sociais, memes, jogos, filmes, músicas, clips etc. Por isso, pautada na BNCC torna-se viável um estudo que demonstre se os livros didáticos trazem de fato a inclusão digital em suas atividades. Segundo Cavalcante (2017); Rojo e Barbosa (2015); Rojo e Moura (2012); Ribeiro (2016), Coscarelli (2015); Araújo e Leffa org. (2016), discutem que torna-se primordial para aquisição de uma língua acompanhar a evolução das tecnologias voltadas para o ensino e aprendizagem, além disso, o indivíduo aprende a respeitar as diferenças entre as múltiplas culturas, as potencialidades semióticas de uso da linguagem digital. Sendo assim, a escola precisa exercer sua função social e repensar suas práticas e reorganizar a maneira de atuar de forma aberta em seu espaço cotidiano com os recursos tecnológicos.

De acordo com Araújo e Leffa (2016), a inclusão digital permite a partir da compreensão dos sites de rede social como espaços públicos, observar os diferentes discursos que emergem nesses espaços e que ali são replicados. Nesse contexto, os sons, as cores, a iluminação, as imagens, as músicas, o brilho, as interações, os grupos sociais etc. ampliam o conhecimento dinâmico do processo de ensino aprendizagem de uma língua estrangeira.



Para este estudo utilizaremos uma abordagem analítica qualitativa a partir das atividades encontradas na coleção “*Way to English for Brazilian learners*” do sexto ao nono anos.

1.O livro didático de inglês alinhado à BNCC possibilidades de inclusão digital

De acordo com, Ribeiro (2019), o livro didático é uma referência em relação ao componente curricular ensinado e as temáticas abordadas. Trata-se do recurso pedagógico que traça a direção de como um conteúdo específico pode ser aprendido pelo aluno. Como a BNCC determina as aprendizagens essenciais, que os estudantes devem ter acesso durante a Educação Básica, é natural que os livros didáticos sejam diretamente afetados por ela. Ribeiro ainda afirma que:

Além disso, por valorizar e prever o **uso da tecnologia na educação**, a Base modifica a utilização do celular em sala de aula. Antes visto como vilão, agora o aparelho pode ser aproveitado de forma a tornar o processo de ensino-aprendizagem mais interessante para alunos e professores. (RIBEIRO, 2019, p. 1 grifo meu).

É para o acesso as tecnologias da educação que nosso estudo está voltado com isso, investigamos, a inclusão digital na coleção de livro didático de inglês “*Way to English for Brazilian learners*” se este alinha-se a BNCC como de fato propõe três das dez competências gerais que os estudantes devem desenvolver ao longo da Educação Básica. “Essas competências guiam o trabalho dos componentes curriculares e têm como objetivo a formação integral do aluno, preparando-o para os desafios do século XXI.” (RIBEIRO, 2019, p. 1).

Comungando com essa mesma ideia de introduzir a tecnologia digital como ferramenta de ensino aprendizagem, especialmente, de línguas estrangeiras em seu livro “Redes sociais e ensino de línguas o que temos de aprender?”, Araújo e Leffa (2016), apresentam pesquisas sobre letramento digital afirmando que:

[...], os sites de rede social também tornaram essas comunicações registradas e capazes de ser buscadas, gerando grandes conjuntos de dados até, então inexistentes. Com ares de “big data”, essas comunicações registradas e capazes de ser buscadas, gerando grandes conjuntos de dados sejam acessados e analisados, proporcionando uma oportunidade única de pesquisa, uma vez que são dados de conversações cotidianas. Esses dados têm sido, assim cada vez mais objeto de pesquisas de diferentes ciências, alavancando novas áreas interdisciplinares, que mesclam procedimentos e conceitos de ciências humanas com exatas. (RECUERO, 2016, IN: JÚLIO & LEFFA, 2016, p. 18).



Pesquisas como essas mostram que as práticas conversacionais também delineiam os discursos que compreende o domínio geral de todas as afirmações, Recuero (2016), afirma que nessa perspectiva, o discurso não está apenas no enunciado e em suas construções, ele está sistematicamente imbricado como um conjunto ideológico que se reflete no corpo de presenças e ausências de elementos das falas dos usuários. Então, discurso, poder e ideologia são indissociáveis. Sobre pesquisas feitas no campo da inclusão digital que tomam as redes sociais como *corpus* de análise pela necessidade de estudar as interações (textos, aprendizagens, identidades, etc.) em contextos, Buzato (2016), afirma ser instigante para teoria dos estudos da linguagem.

Há uma multiplicidade de discursos nas redes sociais como mostra Buzato (2016), que vão do científico ao estético, passando pelo técnico, pelo político, pelo psicológico e pelo social. “E essas redes sugerem vínculos entre escolhas particulares de governos, de empresas e de interesses gerais da população, não por acaso estando atualmente atreladas a discursos sobre ‘inclusão social e/ou digital’ (*op. cit*, p. 35).

Passando para a discussão sobre o livro didático de inglês quando alinhado à BNCC permite o trabalho com o **desenvolvimento de habilidades de inclusão digital**² em detrimento da simples memorização de conteúdos isolados, pois a escola deixa de ser detentora do conteúdo e passa a ser **mediadora do processo de ensino-aprendizagem** como sugerem as competências 1, 4, e 5 propostas pela BNCC.

1.2 A inserção das TDICS na prática docente e a inclusão digital no ensino de inglês

Fazendo uma associação com a BNCC (2018), este documento indica que as decisões pedagógicas devem estar orientadas para o desenvolvimento de competências. Por meio da indicação clara do que os alunos devem “saber” (considerando a constituição de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores) e, sobretudo, do que devem “saber fazer” (considerando a mobilização desses conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho), a explicitação das competências oferece referências para o fortalecimento de ações que assegurem as aprendizagens essenciais definidas na BNCC.

Comungando com essa ideia do “saber fazer” para inserir as “Tecnologias da Informação e da Comunicação” – (TDICS), o docente deve se apropriar de seu uso em sua

² Grifo meu



prática em sala de aula, de acordo com Rojo (2012), faz-se necessário uma pedagogia dos multiletramentos esta:

Diferentemente do conceito de **letramentos (múltiplos)**, que não faz se não apontar para multiplicidade e variedade das práticas letradas, valorizadas ou não nas sociedades em geral, o conceito de **multiletramentos** – é bom enfatizar – aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica. (ROJO, 2012, p.13).

Entendemos que os docentes devem desenvolver em sala de aula a capacidade de compreensão dos textos contemporâneos, ou seja, os textos multimodais compostos de muitas linguagens tais como, especialmente, os textos semióticos encontrados em vídeos, imagens, digitais, músicas, etc. Rojo (2012), afirma que “um dos mais destacados funcionamento desses novos textos requerem novos letramentos é o seu caráter não *multi*, mas hiper: hipertextos, hipermídias” (p. 21). Assim, o desenvolvimento da inclusão digital deve partir das atividades didáticas em que os alunos sejam submetidos aos multiletramentos, a leitura de textos *online*, nas redes sociais, a leitura das semioses, etc. “Por sua própria constituição e funcionamento, ela é interativa, depende de nossas ações enquanto usuários (e não receptores ou espectadores) – seu nível de agência é muito maior” (ROJO, 2012, p. 23).

As características da mídia sugerem a interação com outros humanos em trocas eletrônicas de mensagens, postagens em redes sociais, assim, o computador pode ser uma ferramenta de ensino que permite não uma mera interação, no dizer de Rojo (2012), mas “a concepção da mídia digital permitiu, que cada vez mais, a usássemos [...], para a produção colaborativa” (p. 24). Então, a pedagogia dos multiletramentos também fazendo uma ligação com a BNCC compactua com a ideia que em vez de impedir o uso do celular o docente pode disciplinar o aluno para usá-lo para comunicação, a navegação, a pesquisa, a filmagem e a fotografia.

A inclusão digital no ensino de inglês depende de um planejamento de aprendizagem colaborativa, ou seja, os alunos precisam participar de atividades *online* em que estes discutam suas necessidades de resolver problemas em ritmo confortável guiando sua própria aprendizagem com autonomia e flexibilidade. Por isso, cabe-nos verificar se alguma coleção didática de livro de inglês traz essa ideia de inserir atividades de inclusão digital no ensino. A seguir, teremos a metodologia.



2. Metodologia

A pesquisa pauta-se no Interacionismo Sócio Discursivo (ISD), que defende a tese dado que a atividade de linguagem é produtora de objetos de sentido, ela é também, necessariamente, constitutiva, das unidades representativas do pensamento humano; a segunda é de que, na medida em que a linguagem é atividade social, o pensamento ao qual ela dá lugar é também, semiótico e social. Selecionamos atividades que sugerem a inclusão digital em cada livro da coleção em inglês “*Way to English for Brazilian learners*” do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental. Depois analisaremos se elas estão, de acordo com, as competências da Base Comum Curricular – BNCC, especialmente, as de número (1, 4, 5) sobre como valorizar e utilizar os conhecimentos do mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, utilizar as diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora, digital, criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas práticas sociais.

3. Resultados e discussões

Observamos que a coleção “*Way to English for Brazilian learners*” apresenta atividades de textos que circulam socialmente e que requerem pesquisas *online* dos alunos. Vejam esta atividade na página vinte e nove do livro do sexto ano abaixo:



b. The flag in the text is from
▲ Canada.
■ Australia. **x**

c. “G'day” is the contraction of
▲ good day. **x**
■ good morning.

d. “G'day” is an example of
▲ informal language. **x**
■ formal language.

Available at: <www.keepcalm-o-matic.co.uk/n/keep-calm-and-g-day-mate-2/>.
Accessed on: November 30, 2017.



Think about it!

Observe a fonte indicada no texto acima. Onde o texto foi publicado? Agora, considere o contexto e consulte o verbete. Na sua opinião, qual é o significado de *mate* no texto?

Respostas sugeridas: O texto foi publicado em um *site* (onde os usuários podem criar e publicar pôsteres)./Considerando o contexto (em que alguém publica um pôster dirigindo-se a todos os usuários do *site*), o significado mais adequado para *mate* é **cara** (definição 1b do verbete).

Le@rning on the Web

Para conhecer outras palavras e expressões típicas do inglês usado na Austrália, visite: <www.koalanel.com.au/australian-slang.html>. Acesso em: 30 nov. 2017.

O cartaz foi retirado da *internet* e traz uma expressão informal “*G’day mate!*”³ usada mais na Austrália e na Nova Zelândia trata-se de um cumprimento, isto é, uma variação linguística, segundo Beline (2012, p. 129), “são as diferenças geograficamente marcadas [...] para as diferenças socialmente marcadas correlacionados a fatores sociais, tais como escolaridade e nível econômico”. Na seção “*Le@ning on the web*” os alunos de sexto ano precisam explicar outras expressões típicas do inglês usadas na Austrália e crie seu próprio cartaz. Com isso, notamos que o livro tem a preocupação com a inclusão digital. Veja a proposta abaixo:

f. Media: II VI. create a friendly atmosphere

Step by Step

1. Decida quais expressões você quer incluir no seu cartaz.
2. Escolha uma imagem para ilustrar seu cartaz.
3. Use cores vibrantes e contraste para chamar a atenção.
4. Faça um rascunho do cartaz no seu caderno.
5. Troque cartazes com seus colegas e discuta os textos criados.
6. Faça as correções necessárias.
7. Crie a versão final do seu cartaz à mão ou com o auxílio de um computador.

It's time to share your poster with your classmates and other people. Spread the posters all over your school. You can use this website to create your poster: <www.keepcalm-o-matic.co.uk>. Accessed on: November 30, 2017.



adequado ao público-alvo e ao seu objetivo?

- ortografia: As palavras estão escritas corretamente?
- tipo e tamanho da fonte: O texto está legível a distância?
- cores: As cores usadas despertam interesse sem prejudicar a leitura?
- imagem: A imagem está relacionada ao texto e o torna mais atraente? Reescreva seu texto com base na revisão feita por você e seus colegas.

Esta última tarefa na qual os alunos precisam usar o *website* para criar seu cartaz torna-se instigante, pois é uma possibilidade de pensar na tecnologia enquanto inclusão social, uma decisão e expectativa de interação com outros seres humanos de forma virtual. Gomes (2016), confere que atividades de redação e leitura no meio digital, mesmo quando estas envolvem os dispositivos tecnológicos, ainda, há práticas conservadoras de ensino que não consideram a formação de redes de relacionamentos como uma das mais motivadoras das interações via escrita. Observamos que a escola resiste ao uso da *internet* e da incorporação dessa nova prática de leitura e de escrita virtual, mas os alunos aprendem criar novos gêneros de escritas não convencionais, linguagens não escolarizadas como audiovisual, multimídia, que são pouco privilegiadas entre professores e gestores conservadores. Notamos, então, que esta coleção procura inovar incluindo atividades de pesquisas digitais nos quatro livros da coleção em estudo. Passando para a próxima atividade encontra-se um mapa que apresenta questões sobre diferentes culturas dos países que falam inglês, ao lado está a sugestão do *site* para que os alunos

³Bom dia cara!

possam visitar a página virtual que discutirá o assunto, na página quarenta e dois deste mesmo livro, como forma de situá-los na aprendizagem do idioma.

Think about it!

Accra é a capital e maior cidade de Gana, na África. Você sabia que o inglês é a língua oficial de Gana? Veja, no mapa abaixo, os países que utilizam o inglês como língua oficial ou majoritária (utilizada pela maioria da população no seu dia a dia). E a língua portuguesa? Em que países, além do Brasil e de Portugal, ela é a língua oficial ou majoritária? Na sua opinião, por que, muitas vezes, desconhecemos que um idioma é língua oficial em vários países?



Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/List-of-countries-where-English-is-an-official-language>>. Acesso em 25 set. 2018.

Think about it!

Greg e Mary moram em países diferentes e vêm de culturas diferentes, mas ambos falam inglês. Muitas pessoas, como você, também aprendem a falar inglês mesmo sem tê-lo como sua língua materna e/ou oficial. Para você, o inglês pode ser considerado uma língua de comunicação internacional? Por quê?

Respostas pessoais.

Learning on the Web

Para conhecer a relação nominal de países que utilizam o inglês como língua oficial, visite: <http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_countries_where_English_is_an_official_language>. Acesso em: 11 jan. 2018.

A sugestão de pesquisa desta atividade comunga com o pensamento de Gomes (2016), sobre a inserção das práticas digitais que para este autor são novas formas de aprender e de ser, pois o ser humano aprende em sua relação com o outro e com o meio. Assim, “as redes digitais de relacionamento têm permitido e potencializado novas formas de ser e de estar no mundo, de ensinar e de aprender, podemos dizer que há uma escola fora da escola” (*op.cit*, p. 83). Com relação, ao livro do sétimo ano, este traz muitas atividades que incluem a pesquisa digital, inclusive um texto sobre uma adolescente com síndrome de *down* e o *site* da fonte, objetivando os alunos a lerem mais sobre o assunto.



I have Down syndrome. But I'm a normal teenager.

A Lot Like You
Even though I have Down syndrome, my life is a lot like yours. I read books and watch TV. I listen to music with my friends. I'm on the swim team and in chorus at school. And I get along with my sisters – except when they take my CDs without asking! Some of my classes are with typical kids, and some are with kids with learning disabilities. I have an aide who goes with me to my harder classes, like Math and Biology. She helps me take notes and gives me tips on how I should study for tests. Having Down syndrome is what makes me “me.” And I'm proud of who I am. I'm a hard worker, a good person, and I care about my friends.

Adapted from: <<https://kids.nationalgeographic.com/kids/stories/peopleplaces/downsyndrome/>>. Accessed on: June 26, 2018.

Musique relacionar a legenda tanto à imagem quanto às ideias do texto.

tip D
Apoie-se no vocabulário já conhecido e em palavras parecidas com o português para ajudá-lo na compreensão do texto.

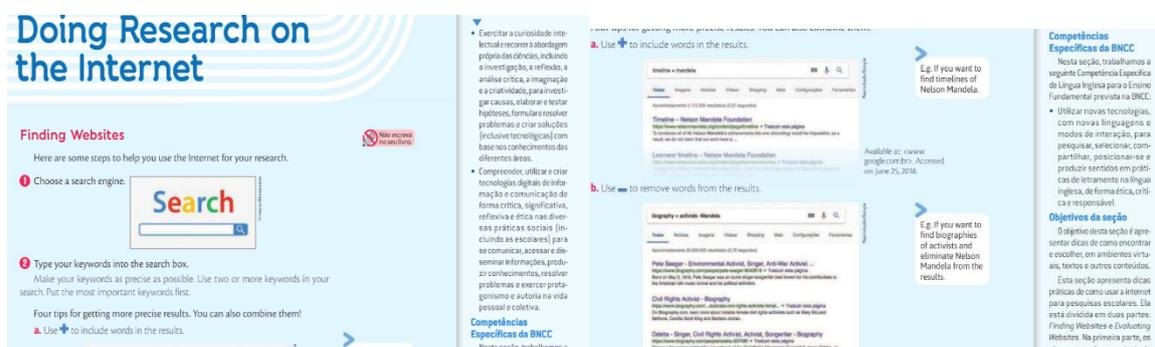
tip E
Busque inferir o significado de palavras - chaves a partir da observação do contexto em que elas são utilizadas.

tip G
Identifique a fonte do texto para ajudá-lo a criar hipóteses sobre o que será lido.

tip F
Não se preocupe com as palavras desconhecidas, pois nem sempre é necessário saber o significado de cada palavra para atingir o objetivo de leitura.

O próprio texto fala sobre a inclusão social de uma pessoa com síndrome de *down* a mesma afirma que leva uma vida normal. Os autores também solicitam que o professor ative o

conhecimento prévio sobre o tema para favorecer o estabelecimento de hipóteses sobre o que será lido, fazendo uma relação da imagem com as ideias do texto, assim, explorando os aspectos visuais sinalizando o enfoque do desenvolvimento dos aspectos multimodais. Este texto pode instigar os alunos a visitarem o *site* via *internet* que irá ampliar novos conhecimentos sem restringi-los somente às atividades de localização de informação. Outro exemplo, de inclusão digital, no livro do sétimo ano é que tem uma seção de quatro páginas ensinando os alunos a fazerem pesquisa *online* chamado de “*Doing research on the internet*”⁴, contemplando uma das competências da BNCC sobre compreender, utilizar e criar tecnologias de informação digitais e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética. Segue, um exemplo, desta seção.



As páginas ensinam como os jovens estudantes realizam uma pesquisa no Google (1. Escolha um mecanismo de pesquisa, 2. Digite suas palavras-chave na caixa de pesquisa, 3. Soletre as palavras-chave corretamente, 4. Clique no site que parece ser mais útil para você, 5. Avalie o *site* para ver se ele realmente o ajudará (consulte a próximo seção). Com essas orientações os alunos aprendem sem depender essencialmente do professor ampliando seus conhecimentos. De acordo com, Gomes (2016), muitos cientistas já preconizavam desde 1970 uma rede mundial de computadores através da qual os alunos poderiam acessar a informação que necessitassem, além disso, estes estudiosos já discutiam o papel da comunicação mediada como agente transformador da sociedade.

No livro de oitavo ano, apresenta uma seção como o nome “*using online translator*”⁵ das páginas vinte a vinte um dando orientações aos alunos de como eles fazerem uma tradução de inglês para português. Esta seção contempla também uma das competências gerais da BNCC sobre tecnologias de informação e comunicação.

⁴Fazendo pesquisa na *internet*.
⁵Usando o tradutor *online*.



epidêmicas nos mais diversos recantos, os indivíduos procuraram ou são impelidos a utilizar recursos tecnológicos para desempenhar práticas sociais variadas, como fazer compras, movimentar contas bancárias, telefonar e até aprender potencializando o caráter comunicativo do ensino de línguas. A partir, desta visão é necessário saber se as práticas educacionais acompanham a inovação do uso das tecnologias digitais fora da escola ou dos espaços oficiais de formação, se os livros didáticos já trazem práticas digitais, pesquisas *online*, pois os alunos fazem parte da era tecnológica e, eles são nativos digitais e não podemos enquanto docentes fugir dessa realidade, deixar a escola de fora, é preciso fazer uma conexão da tecnologia para sala de aula.

Considerações Finais

De acordo com Ferreira e Castro (2016), após terem analisado projetos político-pedagógicos de cinco cursos de licenciatura em letras de uma universidade pública do Brasil português, literaturas de língua portuguesa e inglês, onde buscaram a presença de termos relacionados a tecnologias digitais, bem como, entrevistas com docentes formadores dos cursos supracitados sobre o uso de *sites* de rede social e outros recursos tecnológicos digitais para uso pessoal e acadêmico, eles levantaram hipóteses de que os professores não foram estimulados a reflexão sobre o uso das TICs na educação não possuem ferramentas teórico-metodológicas sólidas, e por essa consequência, não tenham iniciativa de propô-la aos estudantes.

A partir dessas leituras e da observação desta coleção didática “*Way to English for Brazilian learners*” que apresentou uma relação com as normas da BNCC sobre a inclusão digital, a esse respeito, o docente precisa refletir sobre a importância dessa prática na sala de aula, levando em conta que os alunos são nativos digitais e fazem uso da tecnologia em suas casas, com amigos em bate papo *online*, jogos, filmes, músicas, ao vivo, redes sociais etc., mesmo o material didático estando atualizado não terá sucesso no ensino aprendizagem de línguas se os docentes fizerem vista grossa para a era digital, na qual, vivemos e que os nossos jovens acompanham diariamente em seu cotidiano.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Júlio e LEFFA, Vilson. *Redes Sociais e ensino de línguas. O que temos de aprender?* 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e a filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2004.



_____. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BELINE, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à Linguística I. Objetos teóricos*. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

BUZATO, Marcelo El Khouri. Três concepções para o estudo de redes sociais. In: ARAÚJO, Júlio e LEFFA, Vilson. *Redes Sociais e ensino de línguas. O que temos de aprender?* 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria do Ensino Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira: 3º e 4º ciclos*. Brasília: MEC, 1998.

BRASIL, Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Educação é a base. Educação Infantil e Fundamental. Brasília: MEC, 2017.

CAVALCANTI, Josineide de Lira Soares. Inserção das Tecnologias Digitais de informação e comunicação em escolas públicas de Ensino Médio de Petrolina-PE. Dissertação do Programa de Pós-Graduação Profissional em Gestão nas Organizações Aprendentes. João Pessoa, 2007.

CASTRO, Rafael Vetromille e FERREIRA, Kathlleen Simões. Redes Sociais na Formação de Professores de línguas. In: ARAÚJO, Júlio e LEFFA, Vilson. *Redes Sociais e ensino de línguas. O que temos de aprender?* 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

COSCARELLI, Carla Viana e COIRO, Julie. *Reading multiple sources online*. Linguagem e Ensino, Pelotas, v.17, n.3, p.751-776, set/dez, 2014b.

COSCARELLI, Carla Viana (Org.) *Tecnologias para aprender*. 1ª ed. São Paulo. Parábola Editorial: São Paulo, 2016c.

_____. *Hipertextos na teoria e na prática*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012a.

GOMES, Luiz Fernando. Redes Sociais e escola: o que temos de aprender? In: ARAÚJO, Júlio e LEFFA, Vilson. *Redes Sociais e ensino de línguas. O que temos de aprender?* 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

RECUERO, Raquel. *Discurso mediado por computador nas redes sociais*. In: ARAÚJO, Júlio e LEFFA, Vilson. *Redes Sociais e ensino de línguas. O que temos de aprender?* 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial. p. 17-32, 2016.

RIBEIRO, Ana Elisa. *Textos Multimodais Leitura e Produção*. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

ROJO, Roxane e MOURA, Eduardo. (Orgs.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROJO, Roxane e BARBOSA, Jacqueline P. *Hipermodalidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

Sites consultados

<http://somospar.com.br/livro-didatico-ajuda-na-implementacao-bncc/>
Betina Ribeiro acesso em janeiro 2020.